

# a VOZ de MELGASO

Director e Administrador:  
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço

Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga AVENÇA»

Chefe da Redacção e Editor  
CARLOS ANTÓNIO VAZ

Custo da Assinatura Anual: 20\$00  
Assinatura Anual para o Estrangeiro: 50\$00

ANO - XVIII - N.º 293

Melgaço, 1 de Fevereiro de 1964

## O SENHOR ARCEBISPO

entra AMANHÃ, domingo,  
solenemente na Arquidiocese

Amanhã, dia da Purificação de Nossa Senhora, entra solenemente na Diocese, da qual toma posse, Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. Francisco Maria da Silva, a quem a Santa Sé nomeou Arcebispo de Braga.

De todos os cantos da Arquidiocese sobem orações ao Céu, a agradecer ao Senhor a nomeação de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> para Arcebispo, e, na tarde deste domingo, na Sé Catedral, estaremos todos, pelo menos em espírito, a cantar o TE



ARCEBISPO PRIMAZ

DEUM LAUDAMUS, Autoridades religiosas, civis e militares, da nossa Arquidiocese, da distante Arquidiocese de Évora, onde o Sr. D. Francisco se ordenou e trabalhou, longos anos, e da sua terra natal - a Murtoza -; povo de todas as partes do nosso Minho, aqui virão associar-lhe ao júbilo da Igreja Bracarense.

Também nós, embora modestos, saudamos o novo Arcebispo, e nos associamos à alegria, ao entusiasmo e às palmas de todos, desejando a Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> um governo profundamente apostólico, para glória de Deus e da Igreja.

## Bricabraque de antigalhas Melgacenses...

Exactamente «bricabraque» e não coisa a sério sobre antigalhas da nossa terra. Limitar-me-ei a carrear factos, nomes, documentos, em suma tudo quanto ajude a conhecer para amar com mais carinho esta nossa idolatrada terrinha, de que gostamos tanto mais quanto mais longa dela.

É começo precisamente por un. facta somenos: a) primeiro, para que os leitores não cuidem tratar-se de «avis rara», coisa raríssima, as minhas achegas, b) —

(Continua na 4.ª página)

## «Com Deus um Mundo Novo»

O Grande Encontro da Juventude, promovido pelos jovens católicos de Portugal em Abril de 1963, nasceu das exigências de Deus e da presença desses jovens no mundo em crescimento. Foi obra de jovens cristãos, espalhados por todo o País, nas fábricas, nos campos e nos escritórios, nas escolas e nas Universidades, que unindo esforços, decidiram realizá-lo, para além de diferenças sociais e de educação, para além das distâncias e das ocupações, com um mesmo espírito e objectivos comuns.

O ponto decisivo do Encontro da Juventude não foi a reunião de Lisboa nem o elevado número de jovens presentes. Foi, sim, o ponto de partida para levar a todos os jovens uma mensagem de esperança. Despertou neles a confiança na sua capacidade própria e o desejo de oferecer um contributo válido nos aspectos em que, pela palavra ou pelo trabalho, têm o dever de estar presentes no progresso da comunidade nacional. Assim continuam empenhados num esforço de esclarecimento e estudo dos problemas juvenis, contribuindo para a sua clara compreensão e para definir rumos certos ao seu trabalho de formação e de acção.

A Acção Católica Juvenil, sob o lema «Com Deus um Mundo Novo» deseja promover um conjunto de iniciativas tendentes a levar cada jovem a tomar consciência das realidades concretas em que se encontra inserido e a assumir efectivamente as suas responsabilidades perante os problemas locais, regionais e nacionais.

Para estas iniciativas convida todos os jovens católicos e todos os jovens de boa vontade, esperando que queiram reflectir e actuar com ela, de forma a satisfazer os impulsos de unidade que importa estabelecer entre todos os homens.

Os jovens do meio agrícola estudarão os problemas a eles directamente ligados, as suas necessidades e aspirações, num contributo para a promoção da gente dos campos. Os jovens das fábricas e oficinas debruçar-se-ão sobre toda a proble-

(Continua na 4.ª página)

## IV Centenário dos Seminários

Em seguimento do que foi anunciado no último número, vamos falar hoje um tudo nada sobre os deveres missionários dos sacerdotes e fiéis.

Talvez muitos já tenham conhecimento da celebração do Oitavário pela Unidade da Igreja, que se realiza há 56 anos de 18 a 25 de Janeiro, entre as festas da Cadeira de S. Pedro em Roma e a da Conversão de S. Paulo.

Que se pretende com o oitavário e que neste ano já passou? Pretende-se forçar Nosso Senhor por meio da oração e do sacrifício a que nos conceda a graça de haver um só rebanho e um só Pastor. Será isto necessário e útil? Há no mundo quase um bilião de cristãos, e, de baptizados, e deste bilião só uns 500 milhões estão no verdadeiro caminho. Os restantes admitem muitos dos nossos dogmas, mas não admitem outros que se encontram claramente na doutrina do Senhor e por isso não estão no caminho verdadeiro da salvação. Estão nestas condições os protestantes, os ortodoxos, os cismáticos, etc.

Sabemos também por S. Mateus, XXVIII, 19-20, que Nosso Senhor deu aos Seus apóstolos e n'elas a todos os sucessores o mandato seguinte: «Ide por todo o mundo a ensinar todas as gentes, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a guardar tudo o que vos ensinei...».

Já lá vai para 2 mil anos que esse mandato foi dado e contudo 2/3 do mundo ainda não conhece a Cristo. E' sem dúvida nenhuma o problema mais grave do mundo e que tanto tem preocupado os Santos Padres.

A obra de missão do mundo há que a levar avante para que reine no mundo a paz, a justiça, e o amor, pois que enquanto Cristo não for conhecido e

(Continua na 3.ª página)

## O livro do nosso Director e a critica

O nosso Director, em colaboração com o eng. Armando Correia, publicou um livro de grande interesse para a vida social.

Intitula-se «Ordem e Bem Estar», e é escrito «À Luz das Encíclicas».

A critica nacional tem-lhe feito apreciação objectiva e dela arquivamos algumas:

«O Distrito de Portalegre» de 14 de Dezembro, escreveu:

«Os autores, um engenheiro e um sacerdote, lá do Norte, num harmonioso trabalho de grupo, colocam ao alcance de todos — dos mais e dos menos cultos — a vivificante e luminosa doutrina social da Igreja.

«Num ambiente sistemático e deliberadamente fechado à boa doutrina social, mesmo à da Igreja; perante tanta ignorância e dificuldade em vencê-la; em face de atitudes responsáveis de deturpação não só de factos, mas ainda de princípios, mais necessários e apreciados se tornam trabalhos destes.

«E mais ainda quando conseguem conjugar constructivamente, como no referido livro, três características indispensáveis: o equilíbrio que permitiu expor doutrina segura, sem extorções e com isenção, nem análise de casos particulares; a clareza que coloca a doutrina ao alcance dos menos preparados e a defendê-la dos menos bem intencionados; e a profundidade na síntese fiel que não ilude nem mutila um pensamento que se

(Continua na 3.ª página)



## DA VILA

**Posse** — No passado dia 11, em Vila Nova de Cerveira, pelo Juiz de Direito da Comarca de Caminha, foi dada posse do cargo de Conservador do Registo Civil e Predial, e de Juiz do Julgado municipal daquela localidade ao nosso amigo e conterrâneo Sr. Dr. Abel Augusto Vaz, tendo-se deslocado desta vila, muitas pessoas de todas as categorias sociais a fim de assistir à posse daquele ilustre magistrado e nosso conterrâneo, a quem endereçamos os nossos parabéns.

**Doentes** — Depois de muito tempo retido no leito que o impossibilitou dos seus serviços, encontra-se restabelecido o nosso amigo e assinante Sr. José Maria Pereira, conceituado comerciante desta vila.

Também depois de algum tempo doente se encontra restabelecido o nosso amigo Sr. Constantino Silva, digno Sargento da Marinha aposentado.

**Falecimento** — No passado dia 15 faleceu no Hospital de São João, da cidade do Porto, o nosso amigo e conterrâneo Sr. João Marques de Morais, casado de 77 anos de idade industrial, que ali se encontrava há muito tempo internado a fim de ser submetido a uma intervenção cirúrgica. O extinto que era geralmente estimado por todos quantos o conheciam pelas suas qualidades de carácter, deixa viúva a Sr.ª D. Aida dos Santos Lima de Morais, e era pai das Senhoras D.ªs Zenaide, Antonieta, Aida, Arminda, e Rosa de Morais e dos Senhores Armando, João, Procopio, Manuel e Henrique Morais.

O seu corpo foi trasladado em auto fúnebre para esta vila onde no dia seguinte se realizou o seu funeral, tendo-se incorporado muitas pessoas de todas as categorias sociais. A toda a família em luto o nosso cartão de sentidos pêsames.

**Promoção** — Pela ordem do Exército foi promovido a Alferes, o nosso conterrâneo Sr. Mário Gomes de Sousa, em serviço no Depósito Geral de Material de Engenharia, em Lisboa.

**Pelo Hospital** — No passado dia 12 foi socorrido no banco do Hospital desta vila o menor Fernando Manuel Pinho, filho do Sr. Manuel Pinho, digno Professor Oficial em Paderno e da Sr.ª D. Dulcina Novotas Gonçalves de Pinho, com queimaduras na mão direita.

**Casamentos** — No passado dia 19 realizou-se na Igreja Matriz desta vila o enlace matrimonial do nosso conterrâneo Sr. Manuel António Fernandes, funcionário da «Garagem Lima» desta vila, filho da Sr.ª Benezinda Fernandes, com a menina Palmira da Conceição Martins dos Santos, filha do Sr. Ilídio Pereira dos Santos e da Sr.ª Maria da Conceição Martins, naturais de Colmeira — Trás-os-Montes. Foram padrinhos por parte do noivo o Sr. António Pedrosa de Lima, conceituado comerciante e armazenista desta vila e sua filha menina Judite da Rocha Lima, e por parte da noiva o Sr. Dr. José Joaquim de Abreu, ilustre Conservador dos Registos Civil e Predial de Monção e sua esposa Sr.ª D. Duartina Domingues de Abreu, digna professora oficial na escola masculina de Chaviães. No fim do acto foi servido em casa dos pais da noiva um lauto jantar.

Aos noivos que são dotados das melhores qualidades e simpatia desejamos muitas felicidades.

Também no passado dia 12 se realizou na Igreja Matriz desta vila o enlace matrimonial do Sr. Manuel Augusto Alves, filho do Sr. António José Alves, e da Sr.ª Maria Rosa Ferreira, da freguesia de Chaviães, com a menina Ivone Augusta Pereira, filha do Sr. José Lourenço Pereira, já falecido e da Sr.ª Maria de Lurdes Lourenço. Serviram de padrinhos o Sr. Francisco N. Cardoso e sua esposa Sr.ª D. Maria Amélia Pereira de Lemos Cardoso. No fim do acto o cortejo nupcial dirigiu-se para casa da noiva onde foi servido um lauto jantar a todos.

Aos noivos que são dotados das melhores qualidades e simpatia, desejamos muitas felicidades.

No mesmo dia também se realizou o casamento do Sr. Francisco Gomes de Lima, filho do Sr. Francisco Gomes de Lima e da Sr.ª Catarina Gomes, naturais de Braga, com a menina Maria Helena Dias, filha do Sr. Edmundo Dias e da Sr.ª Almira Augusta de Melo, desta vila. Foram padrinhos o Sr. Luís Lourenço de Lima e sua esposa Sr.ª Maria de Lurdes Dias de Lima. No fim do acto foi servido em casa dos pais da noiva um lauto jantar a todos.

Aos noivos que são dotados das melhores qualidades e simpatia desejamos muitas felicidades.

## PAÇOS, 23

Porque o Sr. Capitão Alberto pediu a sua demissão de Presidente da Junta de Freguesia cargo que exerceu desde Janeiro de 1955 a 31 de Dezembro de 1963, nova Junta foi eleita.

Não conseguiu o Presidente cessante realizar tudo quanto é preciso, mas quem o consegue?

No entanto um só acto que imortaliza S. Ex.ªcia é o facto de ter conseguido que a residência paroquial fosse entregue ao seu legítimo dono. Para isso teve de se deslocar a Lisboa, uma vez para se dirigir ao Sr. General Comandante da Guarda Fiscal, pois, como é sabido, a residência estava transformada em posto da Guarda Fiscal e mais tarde, outra vez, para fazer o pedido a S. Ex.ªcia o Sr. Ministro das Obras Públicas, e só assim se conseguiu o que, até então, parecia impossível.

Em 1957 estava concluída a obra do posto para a Guarda Fiscal, e a residência era entregue ao Rev. do P. e Custódio José da Costa.

Mas além desse facto importante, conseguiu alargar o espaço que existia para sepulturas comuns, em duas divisões, tendo em volta de cada uma delas, uma faixa de pedra lavrada, obra que importou a quantia de 1811\$00; arranjo, em parte, do caminho da Congosta cega para a Igreja, na importância de 1622\$00; desvio das águas bravas, junto à capela de Nossa Senhora de Lurdes, que importou 856\$50; arranjo e calcetamento do caminho da Igreja, com desvio para o Casal e Beleco, na importância de 500\$00; arranjo e calcetamento do caminho do Barreiro, em duas fases, na importância de 600\$00; arranjo de muros no Outeiro, Merelhe e Ladela, 850\$00; mudança do lavadouro em Merelhe, encanamento da água desde a nascente até ao tanque e uma fonte e reparação dum muro de distrito, 1600\$00; uma fonte no Governado, 587\$60.

Depois disto só tenho a dizer: — Faça a actual Junta de Freguesia outro tanto, e, desde já, as minhas felicitações.

(Continua na 3.ª página)

**Falta de carros de aluguer, nesta vila?...** — Desde há tempos que se vem a notar a falta de carros de aluguer, ocasionando sérios aborrecimentos às pessoas que pretendem deslocar-se utilizando esse meio de transporte.

Achamos bem dada a evolução dos tempos porque a rede de estradas no concelho aumenta dia a dia, que seja autorizado mais um carro de aluguer na nossa vila, permitindo assim usar de mais comodidades os habitantes do concelho e doutras localidades.

Temos conhecimento que bastantes vezes tem sido solicitados carros de aluguer que não pertencem à praça desta vila, principalmente nos dias em que regressa a carreira «Melgaço — Paris», sendo alguns da Praça de Monção. Será bem que se autorize mais uma praça nesta localidade.

**Partidas para França** — Depois de terem passado algum tempo com a sua família no lugar da Assadura, desta vila, partiram para França, o Sr. Manuel Esteves, com esposa e filhos, o Sr. Abílio Afonso e Manuel Carlos Afonso.

Visitante — Acompanhado de sua Ex.ª esposa tivemos o prazer de ver nesta vila o Sr. Artur Barbosa, digno Sargento Enfermeiro do Exército, aposentado.

**Aniversários** — No passado dia 22 festejou o seu aniversário natalício a menina Inês de Jesus da Mota, filha do Sr. José Salvador da Mota e da Sr.ª Rosa da Mota, desta vila.

Também no passado dia 29, perante grande número de convidados e pessoas de família, festejou o seu aniversário natalício na cidade do Rio de Janeiro (Brasil) a nossa conterrânea Sr.ª D. Paulina Esteves Pacheco, residente naquela cidade há muitos anos. A esta nossa conterrânea endereçamos os nossos parabéns e muitas felicidades.

E ainda no passado dia 23 festejou o seu aniversário natalício a Ex.ª Sr.ª D. Adalgisa Pinto Cardoso da Costa Salgueiro Mota, Dig.ª Operadora dos C. T. T. esposa do Sr. António Salgueiro Mota, Dig.ª Chefe da Estação dos C.T.T. desta vila.

E no passado dia 24 festejou o 6.º aniversário a menina Maria Fernanda do Paço Ferreira, filha do Sr. José Correia Ferreira, Guarda Fiscal em Lisboa e da Sr.ª D. Maria de Lurdes do Paço Ferreira, residentes naquela cidade.

## Parada do Monte, 11

**FESTIVIDADE EM HONRA DO MENINO DEUS** — Foi no dia 1 que se realizou a festividade em honra de Menino Deus. A santa missa principiou às 11,5 a grande instrumental, pela banda de Cavenca subindo ao púlpito à hora própria o sr. Abade, de Riba de Mouro que fez um sermão que muito agradou tendo havido antes do dia da festa, um tríduo pelo mesmo orador. No fim da missa saiu grandiosa procissão que percorreu o itinerário do costume tendo ao recolher si o arrematado um ramo de valiosas prendas por novecentos e tantos e os reis por setecentos.

**BALANÇO DEMOGRÁFICO NO ANO QUE FINDOU** — Objectos adultos nove; crianças 2. Nacimentos: varões 8, meninas 10. Casamentos houve quatro. Para este ano estão anunciados já no princípio do ano três casamentos.

**COM VISTAS A NOVA JUNTA DE FREGUESIA** — Sr. Presidente e Vogais. Como é do conhecimento e todos, há 2 anos ou mais que avisaram na nossa Igreja para se proceder ao concerto do caminho do Pelico da Cruz do Ei.º até à igreja.

Nessa altura a Junta de freguesia cessante andou a medir o caminho da Igreja até à Cruz do Ei.º não sabemos por quê. Pois apesar de já haver dois anos passados, o caminho continua na mesma, uma vergonha, apesar de a pe.ªta es ar ali à mão para o consertar e nem assim. Pensamos que o queriam consertar, a pará-los porque para demorar tanto tempo, só a paralelos. Pois queremos ver se a nova Junta é mais brava. Pois aquele bocado de caminho é por assim dizer a entrada e visitas da Freguesia, um caminho que nos condus à igreja onde nós temos e passar para ir à Santa Missa.

Outra coisa mais lembramos à Sra. Junta: aqui é costume só avisarem para o concerto dos caminhos nos fins de Março ou princípios de Abril, quer o já se anda nos trabalhos apura os. Não seria mais prático em Janeiro ou Fevereiro enquanto a gente não se mete nos trabalhos? Não acham que seria melhor? Além disso o neste tempo há muitos reparos e homens que vieram passar aqui as férias do Natal com suas famílias e que estão aqui e que no mês de Fevereiro já principiam a sair para França, e enquanto eles estão aqui é que era aproveitar os seus serviços. Pois indo os homens para

(Continua na 4.ª página)



**O livro do nosso Director e a critica**

(Continuação da 1.ª página)

requer límpido e forte.

«Fortemente alicerçados em citações bastas de Papas e outras autoridades, não temem os autores confessar humildemente que a doutrina tratada não é sua, mas da Igreja».

O diário de Lisboa «A Voz» escreveu um 20 de Dezembro:

«A Livraria Figueirinha, do Porto, é a distribuidora do meritório e oportuno livro de Armando Correia e Júlio Vaz «A luz das Encíclicas — Ordem e bem-estar».

Escrevem os autores, depois de se referirem à agudeza de que se revestem os problemas afinentes à sociedade:

«Não oferece este trabalho novidade da Sociologia: é nosso intento penetrar nas Encíclicas sociais, não para as comentar, e, sim, para fornecer elementos a quem as deseja estudar em espírito e verdade. Este trabalho oferece o ensejo de se debaterem, ao alcance de todos, problemas sobre os quais caiu a ignorância, mesmo quanto ao significado real de expressões fundamentais. Divulgar expressões, e aprofundar alguns temas, que, por se lhes desconhecer a verdadeira significação, obstam à apreensão do pensamento pontifício, é o nosso objectivo».

Como se vê, trata-se de um objectivo fundamental, sem dúvida, e atingem-no os autores, que souberam compilar a praeção os grandes documentos pontifícios relativos aos problemas sociais»

O «Jornal do Comércio» de 21 de Dezembro, fez o seguinte comentário:

«Estão na ordem do dia, pela agudeza de que se revestem, os problemas afinentes à sociedade, vocabulo com que designamos a sociedade civil» — é assim que iniciam o seu trabalho «A luz das Encíclicas — Ordem e Bem-Estar» — Armando Correia e Júlio Vaz, oferta respeitosa e de gratidão a João XXIII.

E explicam melhor o seu propósito: «penetrar nas Encíclicas Sociais, não para as comentar, e, sim, para fornecer elementos a quem as deseja estudar em espírito e verdade».

Muitas vezes o desejo é um e a realização outra. No pouco que a nossa ignorância da matéria permite, cremos que os dois autores cumpriram com grande sentido divulgador e esclarecedor a missão escolhida, não isenta de dificuldades, pois teria de ser clara e acessível e fiel a determinações superiores. Os problemas da socialização, de trabalho e salário, do direito de associação, e tantos outros de uma actualidade flagrante que a legitimidade da intervenção da Igreja nos problemas sociais justifica são apresentados de forma «servir» o pensamento dos grandes Papas que foram, especialmente, Pio XI, Leão XIII e João XXIII, os inspirados autores das chamadas Encíclicas Sociais.

A importância desta obra é fácil de imaginar.

**Paços, 23**

(Continuação da 2.ª página)

—Depois de passar aqui as suas férias de 30 dias, retirou com sua esposa para Lamego onde é guarda florestal, o nosso amigo António Alves.

**Movimento demográfico** — Durante o ano findo, teve esta freguesia: 15 baptizados, 9 casamentos e 4 óbitos.

**Oferendas ao Menino Deus** — Visto esta já ser extensa, ficam as oferendas para o próximo número. —C.

**AUMENTOU PARA 70858**

**O NUMERO DE PORTUGUESES A VIVER EM FRANÇA**

**GRANDE PARTE DOS QAIS EM SITUAÇÃO CLANDESTINA**

A imprensa francesa refere-se ao grande número de emigrantes clandestinos portugueses, que continuam a chegar à França apesar de assinado recentemente um acto, do entre Lisboa e Paris sobre emigração de mão e obra.

**9 MIL CLANDESTINOS ENTRADOS NO DECORRER DE 1963**

Segundo as estatísticas do Ministério do Interior e os serviços da segurança nacional francesa, em 31 de Dezembro de 1959 viviam na França 33.951 portugueses, a 31 de Dezembro de 1963, esse número aumentou para 70.858.

Apesar do acordo assinado entre os governos português e francês parece terem entrado na França durante o ano que findou cerca de 15 mil portugueses, 60 por cento dos quais chamam finalmente.

Os jornais revelam hoje que, para facilitar as entradas clandestinas, se formou um autêntico gangue que cobrava pela simples passagem fraudolenta na alfândega francesa entre 1.500 a 2.000 francos (o equivalente a 9 e 12 contos) e às vezes maiores quantias ainda. Além disso, os emigrantes tinham também de pagar a passagem clandestina pela alfândega espanhola. A entrada clandestina de cada português na França rende, assim a cada um dos que activamente tratam do assunto, cerca de 25 contos.

As estatísticas francesas afirmam que os gangues organizados na França para este comércio de passaportes falsos e de entradas clandestinas lucros que chegam a cerca de 10 biliões de antigos francos — ou seja: pouco mais ou menos 60.000 contos.

Até hoje a Polícia prendeu já 165 membros dessas quadrilhas.

**PARADA DO MONTE, 26**

**Casamento** — Consorciaram-se no dia 9 os nubentes Manuel Domingues Ramom com a menina Anésia Alves, ela do Chão do Bezerro, e ela da Aldeia Grande. Após o acto religioso foi servido um lauto almoço ao qual assistiram diversos convidados. Aos noivos que são dotados de excelentes qualidades desejamos uma perene lua de mel.

**Nascimentos** — Deu à luz uma criança do sexo masculino a sra Anesia Lourenço Domingues, esposa do sr. José Esteves, do lugar da Trigueira.

— Também deu à luz uma criança do sexo feminino a sra Maria Vieites, esposa do sr. Joaquim Esteves, do lugar de Cortegada.

— Vindos de França, chegaram a esta freguesia os srs. Manuel Gaspar e Eduardo Rodrigues. — (C).

**IV CENTENÁRIO DOS SEMINÁRIOS** (Continuação da 1.ª página)

amado por todos não poderão existir no mundo a paz, a justiça e a caridade verdadeiras.

Ora, se todos os cristãos são poucos para levar a cabo a obra de missionação, muito mais estando divididos, separados e até muitas vezes vão inutilizar a obra dos outros que estão no verdadeiro caminho.

Talvez, levado um bocado por estas ideias e vendo o escândalo que é para o mundo a desunião dos cristãos se lançou um americano, protestante na altura e hoje católico, a levar a todo o mundo a ideia da realização do dito oitavário pela Unidade da Igreja.

A Santa Igreja acarinhou a ideia e tem procurado intensificar a devoção dos fiéis durante o oitavário sobretudo nestes tempos de Concílio, de União, de Ecumenismo, etc.

Já procuraste leitor amigo, apressar, por meio das tuas orações e sacrifícios, a hora em que todos formem um só rebanho?

Não deixes no esquecimento estas palavras, mas procura dar à tua vida uma feição autenticamente cristã.

Não penses que esses problemas são para os padres somente, pois todo o cristão tem de ser missionário se quer ser verdadeiramente cristão. Claro que não se nos pede que vamos todos para as terras missionárias, mas o que a todos se pede e lhes é exigido, é uma vida missionária através da oração, da esmola, do conselho e da própria vida em terras de missão se para isso formos chamados por Deus.

Deixemo-nos de preconceitos e de egoísmos. Já há muito que chegou a hora dos leigos, mas hoje muito especialmente. Os sacerdotes não chegam para as necessidades da Igreja e por isso precisam de quem lhes mantenha os braços em pé para baptizarem, ensinarem e cristianizarem.

O mundo de hoje precisa de muitas Santas Teresinhas do Menino Jesus que sem sair do seu mosteiro é invocada como padroeira das missões.

Os sacerdotes pregam a palavra de Deus, mas só Deus dá a graça da conversão aos que ouvem essas palavras, e por isso é que todo o cristão deve rezar e sacrificar-se pelas missões.

Desculpai-me esta divagação, mas acho que a devia fazer, pois no próximo dia 4 celebra-se em Portugal a festa do seu padroeiro missionário — S. João de Brito e é bom que todos pensemos a sério no problema missionário até para bem da nossa querida Pátria.

CARLOS VAZ

**COMPRA-SE**

Casa de morada, com alguns terrenos, entre as Vilas de Melgaço e Monção, de preferência perto da estrada Nacional. Informa nesta vila o correspondente do jornal, Alfredo Lourenço do Paço, ou Manuel Caldas, freguesia da Gave, Melgaço.

**Pinto de Magalhães, L.da**

**BANQUEIROS**

**CAPITAL E RESERVAS: Sétenta e cinco milhões de escudos**

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas  
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 36656 (P. P. C.) 5 linhas  
AMARANTE \* ARCOS DE VALDEVEZ \* PENICHE \* ELVAS \* VILA DA FEIRA \* FÁTIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

**Pinto de Magalhães, L. da**

**BANQUEIROS**

Todas as Operações Bancárias



DE PRADO

«MÁRIO»

É um dever de gratidão recordá-lo aqui, nestas colunas, onde o seu nome nos havia acostumado a receber com regularidade as notícias da nossa terra.

Amigos desde a infância, trilhamos os mesmos caminhos da humildade e do trabalho, para angariarmos com honra o pão nosso de cada dia. Muito novos, seguimos rumos diferentes, o «Mário» para França e eu para Espanha, até que o destino um dia nos trouxe de novo à Pátria, levando-nos a servir a mesma profissão num modesto emprego público.

Eu ficara no Porto, nessa nobilíssima cidade do trabalho, tanto da minha adoração, e ele seguia para Lisboa onde algumas vezes o visitei na Secção de Turismo do Cais de Alcantara, onde trabalhava.

Contava-me, então, com entusiasmo, as suas frequentes visitas à Torre do Tombo onde o levava o interesse de basculhar livros antigos em procura de elementos históricos relativos à sua terra, pois o «Mário» já nessa época (1936-40) trazia no pensamento a divulgação oportuna desse seu trabalho.

A desventura, porém, cruzou-se no caminho da sua vida; e, vencido pela doença, sem direitos de forma adquiridos; o pobre «Mário», amparado nas suas muletas e às portas da cegueira, regressa à sua terra onde passou a viver até ao último dos seus dias ali à entrada da Rua Direita...

As dificuldades eram muitas, sem duvida, pois a doença deixara-o num estado de fazer pena, mas apesar dessa infelicidade lutou sempre, generosamente, para as vencer; e, servindo-se dum invulgar espírito de confiança porque tinha fé, foi abrindo novas veredas para continuar a vida com dignidade ao serviço da sua terra com a maior dedicação e amor.

Batalhador, estudioso, e amparado por pessoas amigas, continuou amorosamente a investigação das «coisas velhas» da sua terra e, dentro das suas possibilidades, conseguiu reunir elementos que muito contribuíram para valorizar e tornar mais conhecido o património histórico de Melgaço, cujos trabalhos mereceram honras de apreço por parte de pessoas cultas na matéria. Por isso, bendiremos sempre o nome deste homem simples e bondoso, homem do povo, que nunca deixou de procurar no trabalho honrado o apuro e a dignidade de viver.

Aldomar Rodrigues Soares, o «MÁRIO», como toda a gente o conhecia, deixou há muito o mundo dos vivos, mas os seus amigos hão-de lembrá-lo sempre com saudade.

**FALECIMENTO** — Em 9 deste mês de Janeiro faleceu na sua casa de Corujeiras o sr. Faustino Dantas, solteiro, de 60 anos, natural do Cerdado — Prado, para onde veio a enterrar no dia seguinte com grande acompanhamento, pois era pessoa muito estimada. A família enlutada apresentamos os nossos sentidos pésames.

**PARA FRANÇA** — Partiram novamente para França, depois dumas boas férias em companhia dos seus, os nossos conterrâneos snrs. João Luís Gonçalves Ribeiro e João Evangelista de Carvalho. Desejamos-lhes felicidades.

**CORTEJO DE OFERENDAS** — Como é já do conhecimento público, foi fixada definitivamente, a data de 1 de Fevereiro próximo, para a sua realização. Poucos dias faltam e as comissões continuam a trabalhar afanosamente na sua organização e colheita de donativos. Cada um com o máximo que puder dar não deixará de comparecer a esta festa grande da CARIDADE em favor do novo Hospital e dos nossos pobresinhos.

O Ex.<sup>mo</sup> Provedor, arcepreste Carlos Vaz, tem sido incansável nesta luta e bem merece uma prova da maior generosidade de todo o bom povo deste corcelho que esperamos ocorrerá na sua máxima força, para lhe dizer — PRESENTE.

A II.<sup>ma</sup> Comissão de Honra, presidida por Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Governador Civil deste Distrito e com a presença do Sr. Vigário Geral, Cônego Martins Gonçalves, é constituída pelos nomes mais graduados da nossa terra, muitos dos quais nos habituamos a estimar e a respeitar desde criança e confessamos que muito nos orgulha vê-los unidos para grandeza de Melgaço e honra de todos nós.

M. L.

Aniversários

Fazem anos: hoje a sra. D. Rosa Vieites de Carvalho Domingues, as meninas Laura Amélia Lima Peres e Palmira Rosa Alves e o sr. João Alves; amanhã o sr. José Augusto Esteves; no dia 4, a sra. D. Alice Fernandes Vaz e os snrs. Justino Lourenço e Manuel Henrique Alves; no dia 8, o sr. padre António Esteves, pároco de Couso; no dia 9, a sra. D. Maria do Carmo Domingues da Rocha; no dia 12 a sra. D. Teresa de Jesus Mariñas Moreira Salgado e o sr. Augusto Gomes; no dia 14, a sra. D. Maria Rosa de Carvalho Ribeiro, e no dia 15, a sra. D. Violeta do Carmo Araújo e o sr. Oscar Augusto Mariño Júnior.

As mais seleccionadas árvores de fruto



As melhores sementes de flores e hortaliças. As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos Internacionais

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

CATÁLOGOS GRÁTIS

Alfredo Moreira da Silva & Filhos, Lda  
Rua de D. Manuel II, n.º 55  
PORTO  
Teleg: Roselândia Telef: 21957

«Com Deus um Mundo Novo» (Continuação da 1.ª página)

mática do mundo operário, em ordem ao reconhecimento dos seus direitos e aspirações e deveres sociais. Os estudantes empenhar-se-ão na construção duma comunidade escolar autêntica. Os jovens considerados do meio independente inclinam-se-ão pela sua maneira de estar no mundo e se ela corresponderá ou não às aptidões com que são dotados.

Todos os problemas concernentes à Juventude serão estudados e debatidos ao nível local, regional, diocesano e nacional, no sentido de se lhe procurar dar uma solução prática.

A Acção Católica Juvenil está segura de assim poder responder aos anseios mais fundos da nossa juventude e dar testemunho, à medida da época em que vivemos, das necessidades da Igreja neste tempo de Concílio e das exigências da comunidade nacional.

Parada do Monte, 11

(Continuação da 2.ª página) —Luz uma criança do sexo masculino a sra. Zulmira Lourenço esposa do sr. Duarte Rodrigues, do lugar do Carrascal.

— Vindos de França chegaram a esta freguesia Ma-

Bricabraque de antigalhas Melgacenses ...

(Continuação da 1.ª página)

em segundo lugar, porque é destes pequeninos nadas que se faz a história duma terra.

Bom e não será assim «nada» o que vou transcrever, dado que intervêm no facto Feijós e Godoy, assim como o Geral da Congregação Beneditina em Portugal. Sim, que isto de ser padrinho de alguém nos recuados anos de 1832 nada menos que o Geral dos Beneditinos prova que a família assim distinguida não era qualquer habitante de Paio Pires.

E não era: ele, um Feijó, das mais distintas famílias minhotas, cuja origem se desconhece; ela Castro, dos célebres Castros de Melgaço, dos primeiros de Espanha e ao depois de cá; ele, Pimenta e Godoy. É tudo isto, em Rouças, ali na Cordeira, face à Torre e Quinta do Fecho.

Um dia voltaremos ao Fecho. Baste por hoje, lembrar casas como as da Boavista, Cordeira, Fecho, Galvão, Peso, Carvalheira e outras que floresceram na nossa terra e hoje estão extintas ou pelo menos sem o brilho doutoras.

Lembrá-las é recordar uma época morta, mas cheia de poesia e de beleza. Mas deixemo-nos de devaneios. Vamos ao assento de baptismo, que nos recorda essa época brilhante.

D. Anna, filha legítima de Joaquim Thomaz Correia Pimenta Feijó, natural da freguesia de S. Eufêmia de Calheiros, termo de Ponte do Lima, e D. Caetana Delfina de Sousa Lima e Castro da Casa e Quinta da Cordeira desta freguesia de S. Marinha de Rouças, neta pela parte paterna de António Pimenta Correia de Barbosa Feijó, da freguesia de S. Thomé da Corralhã, de D. Rosa Prospera de Moraes Pacheco Godoy da sobredita de Calheiros, e pela materna de Lourenço José de Lima, e D. Rita Ventura Theresa de Castro, da sobredita Casa da Cordeira, nasceu aos oito dias do mês de Julho de 1832, e foi bapt. Sol. os 13 do ditto mes por mim P. Deniz Ferraz d'Araujo, Abbadé desta freguesia e lhe pus os Santos oleos, sendo padrinhos Frei Bento do Pilar, D. Abbadé do Mosteiro de Tibaens, e Geral da Congregação Beneditina neste Reino, (que por não poder achar-se presente me cometeo suas vezes por sua procuração) e D. Anna Joaquina de Castro Sousa Menezes Sarmiento, solteira, filha de Matias de Sousa Castro Menezes e D. Maria Sebastiana de Puga e Paços da Quinta de Galvão da f. de S. M. da Porta da volta de Melgaço...

A. LUIS VAZ

BARROS PORT



BARROS PORTO  
Vieux portos Millésimés

BEBA VINHOS DO PORTO BARROS O MAIS DELICIOSO.

—Luz uma criança do sexo feminino a sra. Zulmira Lourenço esposa do sr. Duarte Rodrigues, do lugar do Carrascal.

O TEMPO — Tem ido um tempo que parece um autêntico verão. Mas vai mal para os gadós que não tem nada de comer por fora.—C.



# a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:

JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração, interinas Residência Paroquial — Melgaço

Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada — Braga AVENÇA»

Chefe da Redacção e Editor

CARLOS ANTÓNIO VAZ

Custo da Assinatura Anual: 20\$00

Assinatura Anual para o Estrangeiro: 50\$00

ANO—XVIII — N.º 209

Melgaço, 15 de Fevereiro de 1964

## UMA VERDADE

Se os ventos das novidades trazem em si linguagem de verdade, estamos dentro em pouco perante uma realidade consoladora:—Do nada, do pequeno grão de areia, veremos surgir uma "Obra" que se projectará pelos anos e pelos lustres para além da nossa geração e quantas mais, que facilmente não abarcamos. Falando claro, linguagem terra-a-terra, tão grata às nossas gentes:—vai surgir o novo Hospital de Melgaço. Soterrará nos caboucos, muito de incredulidade, um tanto de maldade e sua quota parte de derrotismo. A Fé, mesmo orientada pelos seus capitães, remove montanhas e quebra dentes acerados de calúnia. Quando há anos o meio se agitava, condenava-se e por uns tantos o "Grupo dos Padres", no qual, por mercê de Deus, da vontade e da inteligência, sempre militamos. E não estávamos errados, porque dele algo tem saído de útil para a grei. Negam-no?

Pouco importa; e as críticas aceitam-se, tantas vezes temos discordado. A história dum País, como dum terra por pequenina que seja, dum família, não se faz na hora que passa. Torna-se necessário que o tempo polvilhe sobre as suas páginas o quase pó do esquecimento, para dele sair mais tarde o verdadeiro preito de justiça.

A velhinha casa de Caridade, de portas sempre abertas ao sofrimento e à dor, outra se lhe vai seguir, que a não fará esquecer. Cimentada com as dádivas dos pobres, emprestando a Deus, ficará na perpetuação do sonho de Rainha, que foi D. Leonor, a que deram realidade obreiros idealistas do bem comum. Como milagre de rosas e de outra Rainha Santa, ei-las que tombam do regoço, aqui e além na terra lusa, sempre atreita a sentimentos de humanidade cristã. O "Velho do Restelo", não faltará, como não tem faltado, a criminar esta gente mais ousada que quantas, uma vez que arrancou da rotina já normal. E que importa? Se ele comenta e, felizmente só ladra como o cão à caravana que passa...

Ladra-nos a nós, isso cremos, mas não nos ferra.

Grupo de homens bons, daqueles que se devotam ao amor do terrunho, esquecendo até amargos de boca e malquerenças, serão os cabouqueiros desta Obra que, por certo, haja a modéstia que houver, exige perpetuidade dos seus nomes no granito que ficará a perdurar para exemplo vindouro às gerações.

Melgaço, tem defeitos e tem virtudes. Tem filhos que

(Continua na página 6)

## «À LUZ DAS ENCÍCLICAS

### «Ordem e bem Estar»

por Armando Correia e Júlio Vaz

Continua a imprensa a referir-se elogiosamente ao livro da autoria do nosso Director, em colaboração com o eng.º Armando Correia, e que intitularam "Ordem e Bem Estar".

No "Correio do Minho" o distinto escritor e jornalista, Jerónimo de Castro, fez a seguinte apreciação-crítica:

"Estamos, na verdade, diante de um livro—escreve Jerónimo de Castro,— que, além da mensagem verdadeira em linguagem escorreita, sem artificios, que nos lega, envolve um pensamento temário de consultas a que não pode escapar-se quem quiser andar a-par do pensamento católico, sob a sigla maternal da Igreja. Dão-lhe aval inexgotável os mananciais das últimas encíclicas, desde Leão XIII até ao

(Continua na 4.ª página)

## Notas soltas

Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz foi recebido, apoteticamente, no passado dia 2, na entrada solene na Sua Diocese.

Ministros, Bispos, Diplomatas, Catedráticos, Clero, povo, tudo aclamou o Sr. D. Francisco Maria da Silva.

A Jornada de Caridade para o nosso Hospital foi gloriosa para todo o Concelho, e provou bem o sentido cristão e baírrista da sua gente.

Bem hajam.

Ali na Fradeira, vai o governo de Espanha construir uma barragem.

Foi regulamentada a pesca no rio Minho pelos governos de Espanha e de Portugal.

O governo da Nação dá preferência nas colocações públicas aos que se bateram pela Pátria, no Ultramar. Muito bem.

## Ministro das Obras Públicas

Visita hoje o nosso concelho Sua Excelência o Sr. Ministro das Obras Públicas, Eng. Arantes e Oliveira.

A obra de Sua Excelência ficará na história do nosso País vinculada ao Seu prestigioso nome.

A passagem de Sua Excelência costuma trazer benéficos resultados às terras por onde passa. Também o espera a nossa Pátria pequenina, Melgaço e suas freguesias.

A ponte do Peso, a estrada de Lamas para os Arcos que trará com as facilidades de comunicações, milhares e milhares de turistas, com a Peneda, Castro, etc., as estradas, dessas aldeias, Parada, Gave, São Paio, etc. a nossa vila, tão pobrezinha em algumas ruas, etc., tudo serão temas que o nosso zeloso Presidente apresentará a Sua Excelência.

A hora é esta. E em muito boas mãos está a direcção da nossa edilidade, para que todos os nossos anseios sejam ouvidos.

Aproveitemos esta hora.

## ASSIM VAI A LAVOURA

Vivo unicamente da agricultura. A crise agrícola agrava-se dia a dia, sem que ninguém pense melhorar a situação dos que vivem dessa miserável agricultura. O nosso "Agora" tem-se fartado de dizer verdades a esse respeito. Tem defendido a agricultura com consciência daquilo que tem dito. Mas a sua voz tem caído no deserto. Ninguém tem ligado nada aquilo que ele tem dito, nem a nós, miseráveis agricultores, que nos estamos a afundar, sem que haja alguém que nos deite a mão.

V. Ex.ªs estão fartos de saber a nossa triste situação, mas vou ainda fornecer-lhes alguns dados que os ponham mais ao corrente do que se está passando nesta região, comparando a outros tempos. Começemos, por exemplo, no ano de 1910. Nesse ano o meu pai vendeu o almude de vinho (27 litros) por 1\$00. Ora nesse tempo pagava a um trabalhador agrícola, \$20. Por uma consulta a um médico ou a um advogado, também \$20.

Portanto, com o dinheiro de um almude de vinho, pagava a um trabalhador agrícola 5 dias ou pagava 5 consultas ao médico ou ao advogado. O almude de vinho este ano vendeu-se entre 50 e 60\$00. O trabalhador ganha entre 20 a 30\$00. O médico e o advogado levam, por consulta, 30\$00. Vejam o desequilíbrio! Em 1910, o alqueire de milho (13 quilos) vendia-se por \$50. Pagava a um trabalhador 2,5 dias. Hoje vende-se esse alqueire por 28\$00. Paga pouco mais de um dia e nem às vezes chega para um dia. Em 1910 vendia-se um litro de azeite por \$20. Pagava um dia a um trabalhador. Hoje vende-se por 15\$00. Dá para meio dia a um trabalhador. Podia apresentar muito mais exemplos mas isto já chega. Ora se já naquele tempo ninguém que visse só da agricultura arranjava fortuna, como é que agora pode viver? Onde vai buscar dinheiro para pessoal, sulfatos, adubos, vestuário, médico, farmácia, etc.? E temos ainda a agravante de termos pouquíssimo pessoal e trabalharem só quase metade do que trabalhavam anteriormente.

E por que temos nós tanta falta de trabalhadores agrícolas? Porque ao industrializarem o País deram grandes regalias aos da indústria e esqueceram os da agricultura. Senão vejamos: Tenho dois vizinhos, ambos casados e ambos com filhos. Um trabalha numa fábrica que está aqui ao lado e, o outro, na agricultura. O que trabalha na fá-

(Continua na 2.ª página)

## Bricabraque de Antighalhas Melgacenses...

### CASA DA CORDEIRA

Insisto: não pretendo, por impossível, fazer a história de Melgaço. Esse trabalho levado a sério ocuparia um pelotão de especialistas que, como ratos, devorassem papéis de vária índole, dispersos por todo o país. A minha tarefa é mais simples, porque mais fácil: carrear materiais, que os especialistas poderão aproveitar para, então, sim, construir aquele edifício histórico que seja autêntico panteão das nossas glórias idas, nesta bela terra de Melgaço.

Praça da fronteira, cedo foi alcaprenada a posição cimeira: Fiães perde-se na história e, acaso, na lenda. Padrão, os Castros, os Besteiros etc. etc. remontam muito longe dissolvidos nas brumas do passado... Por isso, a sua história é muito difícil de fazer. Em todo o caso, se todos nós, melgacenses, trouxéssemos uma achega, a dificuldade tornar-se-ia mais fácil de vencer.

Três, pelo menos, serão as fontes a investigar: a) — a religiosa, b) — a política e c) — a militar.

Fiães, Padrão, e as demais freguesias e seus prazos, tombos e papéis diversos, arquivos, tudo isso terá que ser

Continua na 5.ª página



## DA VILA

**Festividade** — No passado dia 3, realizou-se nesta vila a festividade em honra do glorioso S. Braz, constando de missa solene, sermão pelo rev. orador P.e Manuel Bento e Silva, pároco da freguesia de Penso, e procissão que percorreu o itinerário do costume da capela de Nossa Senhora da Orada à Igreja Matriz desta vila. Abridhantou esta festividade e durante a missa e Procissão a Banda dos Bombeiros Voluntários da vila, e durante todo o dia os potentes autafalantes da Cabine Sonora Melgacense.

**Visitantes** — Vindo de Lisboa, tivemos o prazer de ver nesta vila o nosso amigo e confrãneo, sr. Manuel Alves Sampaio, distinto fotógrafo e pintor, naquela cidade.

— Também de visita a seu tio sr. José Albano Fernandes, comerciante de Castro Laboreiro, tivemos o prazer de ver na vila o sr. Dr. Jesus Fernandez, distinto médico especialista em medicina interna e circulatória em Salamanca, Espanha.

— De visita à sua família, tivemos também o prazer de ver nesta vila o sr. Anibal Nogueira, conceituado comerciante na cidade do Porto, acompanhado de sua esposa sr.a D. Adélia Lourenço Nogueira, e filho, sr. Armando Lopes, conceituado comerciante da cidade do Porto, acompanhado também de sua esposa, sr.a D. Maria Lourenço Lopes, e filhos, e o sr. Domingos Manuel Lourenço, estudante da Universidade do Porto e sr. Manuel Lourenço, comerciante no Porto e sua esposa sr.a D. Maria Fernanda de Faro Lourenço e filho.

— Também de visita tivemos o prazer de ver nesta vila o sr. António Domingues Veiga, agente da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, em Lisboa.

— De visita, tivemos também o prazer de ver nesta vila o nosso amigo e confrãneo sr. António Ribeiro, funcionário do Tribunal do Trabalho no Porto.

**Aniversários** — No passado dia 9 festejou o seu aniversário natalício a sr.a D. Idalina Correia Pires, desta vila.

— Também no mesmo dia festejou o seu aniversário a menina Paulina Antonieta de Araújo Pereira, filha do sr. Alfredo Pereira, funcionário do Tribunal desta comarca e da sr.a D. Eva de Araújo Pereira.

— Perante grande número de amigos e pessoas de família, festejou o seu aniversário natalício o sr. Manuel Lourenço, conceituado comerciante desta vila.

A todos, os nossos parabéns.

**Transferência** — A seu pedido, foi transferido do Tribunal da Comarca do Peso da Régua, para o da Comarca de Monção, o nosso amigo e confrãneo, sr. Manuel Domingues de Barros, Oficial de Deligências. A posse foi-lhe dada pelo meretíssimo Juiz de Direito daquela comarca, tendo assistido o sr. Dr. Baptista Felgueiras, ilustre advogado e Deputado da Nação, sr. Dr. Ferreira Alves, ilustre advogado em Monção, sr. Professor Manuel Augusto Vaz, Sr. Professor Manuel Romano Lobo, Sr. Professor Armando Pereira de Castro, Sr. Rev.do P.e Carlos Vaz, digno Arcepreste do nosso concelho e muitas individualidades de todas as categorias sociais.

Ao nosso amigo sr. Manuel Domingues de Barros, endereçamos os nossos parabéns.

**Joaquim Domingues** — Foi nomeado Director do Banco «Bordallo Brenha» S. A. R. L. da cidade do Rio de Janeiro (Brasil), o nosso presado amigo e confrãneo, benemérito da sua terra sr. Joaquim Domingues, residente naquela cidade há muitos anos.

A este nosso amigo endereçamos os nossos parabéns.

**Dr. José Maria da Silveira Montenegro Cabral** — A fim de presidir a vários julgamentos de processos civis e crimes, no tribunal desta comarca, tivemos o prazer de ver nesta vila o Sr. Dr. José Maria da Silveira Montenegro Cabral, Corregedor do Circulo Judicial de Viana do Castelo.

**Baptizados** — No passado dia 26, foi baptizado um menino na Igreja Matriz desta vila, a quem foi posto o nome de Luís Manuel, filho do sr. Américo Martins Ferreira e sr.a Maria Leonor Pereira. Foram padrinhos o sr. Manuel José Gonçalves Pereira e a menina Maria de Lurdes Fernandes Nabeiro.

— Também no mesmo dia, foi baptizado um menino a quem foi posto o nome de Antero, filho do sr. Antero da Silva e da sr.a Maria da Silva Rodrigues. Serviu de Madrinha a sr.a Maria Rosa da Silva, avó materna do noéfito.

— Na mesma foi também baptizada uma menina

## Assim vai a Lavoura

(Continuação da 1.ª página)

brica, quando adoce, tem médico e remédios, tem abono de família para os filhos, tem férias e levam-lhe ainda os filhos para uma colónia de férias, etc.. O que trabalha na agricultura não tem nada para ele nem para os filhos. Ora isto não está certo! Deste modo todos fogem da agricultura, pois claro!

Somos todos portugueses; devia haver uma medida para todos, pois aqueles que se vêem inferiorizados, se não podem fugir para as indústrias, não trabalham de vontade, e daí a razão porque trabalham muito menos.

O que é certo é que nós não podemos granjear porque não arranjam para as despesas do trabalho. E como os produtos agrícolas estão baratos, não há rendeiros e acabamos por deixar as terras abandonadas.

Se os produtos subissem de preço já havia rendeiros. Assim preferem andar ao dia, fora, pois por pouco dinheiro compram os produtos agrícolas para a sua alimentação.

Parece impossível que não se olhe para isto, mas não se olha! Não se deixa subir os preços dos produtos agrícolas, para que aqueles que os compram tenham um nível de vida alto, não atendendo a que quem produz esses produtos está daqui a pouco na miséria. Que dêem as regalias ao pessoal da agricultura como dão aos da indústria; que deixem subir os preços dos produtos agrícolas e vão ver que tudo se normaliza. E se os consumidores entenderem que os produtos são caros, que venham para cá granjeá-los, porque a agricultura não está fechada a ninguém.

Para a frente, pois!

D. F. C.

(Do semanário "Agora")

a quem foi posto o nome de Rita Maria, filha do sr. Baltazar José da Rocha e da sr.a Maria dos Prazeres da Silva. Foram padrinhos o sr. Aurélio Ferreira Cardoso e sua esposa sr.a Zulmira Fernandes Nabeiro.

**Visita de Inspeção** — De visita aos postos da Guarda Fiscal da Secção desta vila, tivemos o prazer de ver entre nós o sr. Tenente Coronel Herdade Telhado, comandante do Batalhão 3, da mesma Guarda, na cidade do Porto.

**Casamentos** — No passado dia 2, realizou-se na Igreja Matriz desta vila, o enlace matrimonial do sr. Arnaldo Gonçalves, filho do sr. Manuel Joaquim Gonçalves, e da sr.a Alexandrina Augusta Torres, já falecida, do lugar do Barral, freguesia de S. Paio, com a menina Isabel Maria de Castro, filha do sr. Edmundo Fernandes de Castro, já falecido e da sr.a Maria de Abreu, desta vila. Foram padrinhos o sr. José António Baptista e sua esposa sr.a D. Delfina Domingues Baptista. No fim do acto, que foi presidido pelo Rev.do P.e Justino Domingues, pároco da vila, o cortejo nupcial dirigiu-se para casa da noiva onde foi servido um lauto jantar.

— No passado dia 26, também se realizou na Igreja Matriz da vila, o casamento do nosso amigo e confrãneo sr. José Artur de Castro, filho do sr. Artur de Castro e da sr.a Belarmina de Freitas, com a menina Teresa de Jesus Esteves, filha do sr. João Evangelista Esteves e da sr.a Carolina Afonso, já falecida. Foram padrinhos, por parte do noivo, o sr. Carlos Francisco Ribeiro Lima, e sua esposa sr.a D. Maria Leonor Durães Ribeiro Lima, e por parte da noiva o sr. Manuel José Esteves, comerciante nesta vila e sua esposa sr.a D. Idalina de Lima Esteves. No fim do acto, que foi presidido pelo sr. P.e Justino Domingues, pároco desta vila, o cortejo nupcial dirigiu-se para casa onde foi servido um grande jantar a numerosos convidados.

— Também no passado dia 9, se realizou na capela de Santa Bárbara, em Portela do Couto, Chaviões, o enlace matrimonial do sr. Armando Vaz, filho do sr. António Belmiro Vaz, Regedor da Freguesia de Cristóval, e da sr.a D. Maria Rodrigues Fraga, com a prenada menina Maria de Fátima Esteves, filha do nosso confrãneo sr. Miguel José Esteves, ausente na Venezuela, e da sr.a D. Júlia Colmier Esteves. Foram padrinhos, por parte do noivo, o sr. António Domingues, 1.º cabo da G.F. e a sr.a D. Flávia Gregório, e por parte do noivo o sr. Henrique José Fernandes, funcionário da Empresa Auto Viação Melgaço, Lda e sua esposa sr.a D. Maria Helena Esteves. No fim do acto, a que presidiu o Rev.do P.e Manuel Leal, pároco da Chaviões, o cortejo nupcial dirigiu-se para casa da noiva onde foi servido um lauto jantar aos convidados.

Os noivos, que são dotados das melhores qualidades de simpatia, desejamos-lhes muitas felicidades.

## Sociedade

## Aniversários

**FAZEM ANOS:** Amanhã, os srs. Ariur Pires Teixeira e José Maria Pereira (Sobrinho) e Carlos Alberto Domingues; no dia 17, Manuel José Lopes Gonçalves; no dia 20, as sr.as. D. Aurora Augusta Domingues Soares e D. Olívia Dantas da Costa Afonso, e Fernando Vaz Alves; no dia 21, a sr.a D. Carolina Pires Domingues e a menina Olívia da Conceição dos Santos Lima; no dia 22, a sr.a D. Júlia Cândida Esteves; no dia 24, as sr.as. D. Maria Amélia Fernandes Pereira e D. Violeta de Carvalho Esteves, o sr. Artur José Alves e a menina Maria José Monais Esteves; no dia 25, a sr.a D. Maria Leonia Alves Baptista; no dia 26, a sr.a D. Maria Angelina da Conceição Alves da Silva Lima e a menina Maria do Rosário de Sousa e Castro; no dia 27, as sr.as. D. Beatriz Mendes Pinto e D. Júlia Meleiro Lourenço e a menina Maria Gabriela Flaminio Feliciano, o sr. Manuel Lourenço e o menino Fernando António do Souto Alves; no dia 28, a sr.a D. Ema Fernandes da Rocha e os meninos António José Ribeiro Domingues e Jorge Manuel Salgado Soares.

## CASAMENTO ELEGANTE

No Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, efectuou-se no passado dia 1 do corrente, o casamento da menina Maria Salomé Rainha de Rolo, filha de Angenor Gomes Rolo, já falecido, e da sr.a D. Rosa Maria Guerreiro Rainha a Rolo, da freguesia de Oldrões. — Penafiel, com o sr. Eng. António Afonso Gabriel e Almeida Oliveira, filho do Ex.mo Sr. António Gomes de Oliveira, funcionário superior da Nestlé, em Portugal, e da Ex.ma Sra. D. Beatriz Gabriel de Almeida Oliveira. A esta cerimónia que teve lugar na Basílica de Fátima, participaram por parte da noiva, o Ex.mo Sr. Alberto Ferreira Coelho, funcionário a Câmara do Porto e sua esposa Ex.ma Sra. D. Olívia Gomes Rolo Ferreira Carvalho, e por parte do noivo, o Ex.mo Sr. Luís Teixeira Pinto Villas Boas, funcionário da K. L. M. e sua esposa, Ex.ma Sra. D. Maria Helena Martins da Silva Pinto Villas Boas.

Aos noivos e às ilustres famílias Rainha a Oliveira e Rolo, as nossas felicitações. Presidiu o Reverendo António Coelho de Sousa, pároco da freguesia de Oldrões, concelho de Penafiel que propositadamente se deslocou a Fátima.



## PELO PESO

**CORTEJO DE OFERENDAS:** — Efectuou-se no dia 1 do corrente o cortejo de oferendas a favor do nosso Hospital e, seu rendimento, se não foi extraordinário, atingiu, graças a Deus, um montante bastante agradável e que bem demonstra o sentido da CARIDADE que não deixa de viver no espírito do nosso povo. Ao mesmo tempo, foi uma prova de muito respeito que a boa gente desta terra quis dar ao Ex.mo Provedor que tanto tem trabalhado para resolver as mil dificuldades daquelas pobres casas de caridade e, ainda, para angariar fundos que permitam lançar ombros à grande obra, à obra de maior necessidade desta terra — Um novo Hospital onde possamos encontrar instalações decentes e higiénicas e apetrechadas com equipamento técnico moderno e suficiente, que permita aos médicos exercer com maior proficiência a sua nobre missão de cuidar da saúde pública.

Aqui, uma comissão constituída pelos snrs. P.e Albertino, Américo Ferreira de Moura, Mário Bento Ranhada, Manuel Rocha, Alberto Meleiro, António Fernandes Domingues e Martins Lourenço, percorreram os lugares do Peso, Várzea, Apião, Golães e Souto, angariando a linda verba de 6.506\$00 que foi entregue naquele Hospital com a seguinte relação dos ofertantes.

José de Sousa Monteiro, 1.000\$00; Fernando de Sousa Monteiro, 250\$00; Aureliano de Sousa Monteiro, 250\$00; Francisco Moreira da Silva, 100\$00; D. Isabel Vaz, 50\$00; Vidago, Melgaço & P. Salgadas, 500\$00; Martins Lourenço, 100\$00; José Augusto Cesar, 50\$00; Miguel Conde, 50\$00; António Augusto Domingues, 100\$00; Manuel Martins, 100\$00; Manuel Brito, 50\$00; Manuel Rocha, 100\$00; Américo Ferreira de Moura, 50\$00; Luís Augusto Cesar, 50\$00; Manuel Monteiro, 20\$00; Ernesto Fernandes, 20\$00; Carmen Gonzalez, 5\$00; Luís Coelho, 20\$00; D. Isabel Ferreira, 10\$00; Anónimo, 100\$00; Manuel Gomes, 20\$00; António José Basteiro, 20\$00; Maria dos Anjos Freitas, 20\$00; Armindo Augusto N. de Castro, 20\$00; Adão Cortes, 50\$00; Manuel Gonçalves, 20\$00; Manuel Fontão, 20\$00; António Fernandes Cota, 100\$00; Maria Lourenço, 20\$00; José Fontão, 20\$00; Raúl Ferreira, 20\$00; Manuel Meleiro, 50\$00; Manuel Quintela, 50\$00; Maria da Glória, 20\$00; Manuel Faria, 30\$00; Aldora de Freitas, 50\$00; António Rodrigues, 10\$00; Manuel de Abreu, 50\$00; Luís António Abreu, 20\$00; Manuel Cândido Rodrigues, 20\$00; Sára Migueis, 20\$00; Luisa Fontão, 20\$00; José Bento G. Sousa, 20\$00; Maria de Lourdes Armada, 50\$00; Avelino Gonçalves, 10\$00; António Joaquim Pereira, 20\$00; Deolinda Gomes, 5\$00; D. Rosa Meleiro, 100\$00; Carlos Sousa Lobato, 100\$00; Maria Glória Rodrigues, 20\$00; António José Gonçalves, 100\$00; José Solheiro, 100\$00; José Meleiro, 100\$00; João Ferreira, 20\$00; Armando Ferreira, 50\$00; José Alves Puga, 20\$00; Oceano Atlântico Ribeiro, 100\$00; Ranhada & Irmão, 250\$00; José Basteiro, 20\$00; Germano Domingues Casal, 50\$00; José de Abreu, 50\$00; Manuel Teixeira Lopes, 15\$00; Manuel de Sousa, 20\$00; José Gonçalves, 20\$00; Manuel de Jesus Sousa, 20\$00; Aida Pires, 50\$00; António Joaquim Alves, 150\$00; João Luís S. Forte, 50\$00; António Fernandes, 30\$00; Amadeu Vasques, 20\$00; António Lobato, 20\$00; Adelino Fernandes, 50\$00; Eduardo Meleiro, 20\$00; Maria Alves, 16\$00; António José Vidal, 50\$00; Júlio da Rocha, 10\$00; Salvador Gonçalves, 20\$00; Dinis da Silva, 10\$00; Alberta, 10\$00; José Fernandes, 10\$00; Zulmira de Sousa, 5\$00; António Gonçalves, 5\$00; Amélia Gonçalves, 10\$00; Augusto Maria Gaspar, 20\$00; Alvaro Martins, 10\$00; Maria Silva, 100\$00; João Morais, 100\$00; Narciso Lourenço, 25\$00; Hotel do Peso, 250\$00; Maria Pereira, 20\$00; Aldemiro Gomes, 20\$00; Maria da Glória Abreu, 20\$00; José Rodrigues, 500\$00. Total: 6.506\$00.

## CHAVIÕES, 10

Cá pela nossa paróquia corre tudo muito bem. A nossa digna junta já tem em mente construir o caminho do cemitério Soagas até à Portela do Couto. Isto para começar o seu programa (este caminho que está completamente destruído devido ao desleixo das juntas anteriores) a digna Câmara Municipal é muito provável que nos ajude com alguma coisa pelo menos com a sua autoridade, a obrigação que todos os paróquianos tem de dar o seu concurso — para bem e riqueza de todos nós.

Ora a época própria era o mês de Janeiro e agora já ficará para o próximo visto os trabalhos deste bom po. o terem começado e assim está a gotalo o tempo de todos unidos trabalharmos para o bem comum que é o mais importante.

**UMA PEQUENA HISTÓRIA DO INFIEL AMIGO AOS SEUS CONSUMIDORES**  
DOR — Precisei de me deslocar a determinada cidade em visita a uma pessoa de minha família e como as longas viagens não no geral feitas a partir do princípio a manhã assim fiz. Nada no bernal para o meu almoço e lá pelas dez horas já com o mesmo amigo appetite recelvi parar em frente a um estabelecimento misto mercearia e taberna para comer umas sardas e beber dois copos de vinho. Por fim atrás seguiam-me dois personagens bem à diplomata. Pei as duas andes desejadas ao homem que ali estava e entretanto seguiam-se os bons dias entre nós todos. Começo a comer este pequeno almoço e entretanto estes dois cavalheiros ao que acabou de me servir: O senhor é quem é o patrão a casa? Sim senhor. O senhor é acusado de quando recebe o seu fardo de bacalhau fazer uma escolha e depois o mais miúdo que o vende pelo preço da vabela e o outro a quem lhe fala ao ouvido. Respondeu-lhe que não era verdade. Entificaram-se então estes dois cavalheiros e exigiram-lhe a revista no estabelecimento, on e ele disse: à vontade. Mostrou-lhe onde esta-

(Continua na 4.ª página)

## POR PRADO

## COISAS... PARA PASSAR O TEMPO.

Lemos há dias num jornal diário uma notícia transmitida por uma agência estrangeira, que nos informava de que, a caneta de tinta permanente e a primitiva caneta esferográfica, que precederam as modernas, foram inventadas e usadas por escribas arménios há cerca de 800 anos.

Não desejamos por em dúvida a veracidade da notícia mas, sobre o assunto lemos algures que a primeira vez que o homem conseguiu gravar os seus pensamentos, serviu-se de um cinzel de sílex. E, quer fosse sobre pedra lisa, ou sobre resina estendida em delgadas tabuinhas, como faziam os chineses, ou sobre argila, como usavam os babilónios e os assírios, ou ainda sobre simples tábuas cobertas com ligeira camada de cera, como preferiam os gregos e os romanos, a verdade é que o homem, pelo seu esforço, procurou encontrar-se sempre em conversa íntima com o seu próprio espírito.

E, assim, foram evoluindo os meios com que se produziam os desenhos gráficos na antiguidade, pelo que o cinzel foi deixando lugar ao «stilus» romano.

Os babilónios usavam um simples estilete de madeira que produzia uma grafia tão perfeita que, diz o historiador, ainda hoje faria inveja aos nossos melhores calígrafos. As tabuinhas de cera dos gregos e romanos funcionavam como borrões do que iria escrever-se sobre papiros, um material especial fabricado pelos egípcios. Mas sobre os papiros já se escrevia com um estilete especial constituído por juncos secos endurecidos que funcionavam como suave pincel.

Um dia, os reis do Egipto proibiram a exportação de papiros e, então, descobriu-se o pergamino, material tão bom que ainda hoje tem privilégio.

Como se havia descoberto a substância em que se pudesse escrever, era necessário descobrir também com que se pudesse escrever e daí, apareceu o «calamus», uma estreita e duríssima vara de cana, dum arbusto especial que se afinava com pedra pomes. Este processo, ao que consta, foi o mais usado até ao advento da idade Média. Seguiu-se mais tarde o uso das penas das aves, que se deve à imaginação dos romanos. Do século VI ao século XV, este uso desenvolveu-se de tal modo, que os pobres patos, corvos, cisnes, gansos, e avestruzes, raras vezes conservavam até à morte o fato com que a Natureza os havia vestido.

E, até ao século XVIII este uso continuou. Garantem ainda os historiadores, que foram os romanos os primeiros que usaram as canetas de ponta metálica.

O célebre calígrafo Juan Nendorf, de Nuremberg, na sua famosa «Arte e maneira de preparar as penas», editada em 1544, dá-nos sobre o assunto preciosas informações. No século XVII, Juan Aquisgran, um modesto amanuense, tentou inventar aparos de aço, mas teve de desistir, porque não conseguiu temperar o material e dar-lhe a necessária flexibilidade. Foram Josias Mason, depois Heintz Blanchertz e, por fim James Perry de Londres, que conseguiram inventar a preparar os bicos de aço. E, aparece, afinal, a primeira prova da retenção da tinta.

Em 1823 o taquígrafo espanhol Francisco de Paula Marti, imaginou uma caneta que lhe permitiu escrever 10 horas seguidas, cujo sistema se assemelhava ao das modernas estilográficas. E, então, em 1884, E. L. Waterman, foi o primeiro a fabricar uma autêntica caneta de tinta permanente com aparo de ouro e pontas de irídio ou platina.

É esta a história que nós conhecemos sobre os as-

(Continua na 4.ª página)

## Pinto de Magalhães, Lda

## BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas  
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas  
AMARANTE \* ARCOS DE VALDEVEZ \* PENICHE \* EL-VAS \* VILA DA FEIRA \* FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, Lda — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, Lda

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias



## Notícias locais

Vindo do Rio de Janeiro, chegou ao Lar da Saudade, a Chaviães, o nosso prezado amigo, Sr. Amadeu Abílio Lopes, que aqui veio descansar um pouco, dos seus trabalhos. Ao querido Amigo da nossa terra e grande Benfeitor do hospital, o nosso abraço.

— Na cadeia de São Sebastião, em Espanha, estão presos trezentos portugueses, por emigração clandestina.

— No Rio, Flães, a população cotizou-se entre si e conseguiu juntar cerca de 21.000\$00, para os trabalhos de terraplanagem da sua futura estrada, o que já conseguiram, podendo ir-se já de carro até às proximidades da Adedela. Também nos consta que a mesma máquina seguiu já para Sande, Paderne, a fim de ali começar os trabalhos de terraplanagem, para a sua futura estrada. Oxalá que estas iniciativas frutifiquem, num tempo como hoje, em que as verbas, por causa da guerra de África, não podem acudir a tudo.

— Na matriz da vila e no próximo dia 20, pelas 10 horas, haverá ofícios e missa, por alma do saudoso abade de Cubalhão, Sr. Padre José Custódio Domingues.

— A fim de tomar parte no acto de posse de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo, deslocaram-se a Braga o Senhor Presidente da Câmara e vários párocos do arcebispo.

— Santa Casa da Misericórdia de Melgaço — Cortejo de oferendas de 1 de Fevereiro de 1964 — 1.º apuramento: Alvaredo, 6.225\$00; Castro Laboreiro, 6.644\$50; Chaviães, 13.630\$00; Couso, 3.915\$00; Cristóval, 5.525\$00; Cubalhão, 1.900\$00; Flães, 6.575\$00; Gave, 1.000\$00; Lamas de Moura, 2.480\$00; Paços, 4.472\$50; Paderne, 11.211\$00; Parada do Monte, 4.078\$00; Prado, 8.277\$50; Remoães, 2.575\$00; Rouças, 15.000\$00; S. Paio, 4.854\$10; Vila, 30.000\$00. Total, 127.762\$60. Governo Civil, 12.000\$00; Direcção Geral de Assistência, 10.000\$00; Do Ex.<sup>mo</sup> Professorado, 2.300\$00; Diversos, 2.660\$00; Do Brasil, 10.000\$00. Total geral, 164.722\$60.

## CARTA DE ANGOLA

## EXAME DE CONSCIENCIA

Criou-se, há muito, possivelmente graças aos feitos que a nossa história regista, à ideia conceito de que o "portuguesinho é valente". Por todo o lado se ouve, a propósito e a despropósito de tudo: nós, os portugueses, somos muito amigos dos nossos amigos, mas quando a mostarda nos chega ao nariz... E batem-se murros heróicos nos templos das mármoreas das mesas dos cafés. Os copos de cerveja tremem e as afirmações de que, "nós somos assim, connosco não brincam, nós não somos os outros, somos os portugueses" — saltam por dá cá aquela palha.

A 15 de Março de 1961, a Nação foi abalada pelas inesperadas e sangrentas investidas dos mabecos humanos e, então, muitos tiveram oportunidade para demonstrar a veracidade das suas afirmações e a valia das suas qualidades. Na grande maioria foram precisamente aqueles que menos ostensivamente as afirmavam que mais capazmente as demonstraram e confirmaram. Mas também houve quem preferisse continuar as suas tiradas "heróico-linguísticas" com outros murros em outros mármoreos de outras mesas de outros cafés por outras terras. Era igualmente heróico e... muito mais seguro. Também não faltou quem se mostrasse verdadeiro mestre na arte de ser valente... depois dos outros. Vemos muito cavalheiro que não mostrava o nariz logo que houvesse possibilidades de cheirar um pouquinho de pólvora. Porém assim que a borrasca amainava e o-lo a esbracejar garantindo que, assim, nada se fazia e que se fossem todos da sua opinião a coisa seria outra.

Outras vezes pretendiam fazer justiça por suas mãos, desde que à frente das mãos e junto às costas tivesse um autêntico rebanho de heróis da sua igualha, se encontrasse protegido por outros que não eram da sua igualha e ainda que a acção fosse das espectaculares e nada perigosas.

Ao fim, porém, de dois anos de luta, eles começam (aliás já começaram há muito) a sentir e a pensar que ser herói, mesmo à sua maneira, é coisa que tem limites, pois dois anos de heroísmo é muito, sobretudo quando se não faz "barulho" nos jornais sobre a acção do povo — eles falam sempre no povo, quando pensam em si — e quando esse heroísmo exige sacrifícios que lhes prejudicam os negócios. Então, sem nunca descerem do seu pedestal de valentes, vão "fazendo pela vidinha" mesmo que isso signifique prejuízo para a sociedade, acção ilegal, podendo ir até à canalicidade e à traição.

(Continuação no próximo número)

Cuiló — Angola, 18 de Janeiro de 1964.

José Bento Fernandes

1.º cabo n.º 304/62 S.P.M. 3466

## PAÇOS, 12

OFERENDAS AO MENINO DEUS — À imitação o que fizeram os Reis Magos, há cerca de dois mil anos, fizeram o mesmo alguns lugares da freguesia, entregando, caladinhamente as suas oferendas ao Deus Menino, mas as coisas não foram de figura, quando vinam chegar os habitantes de Viladraque, honra lhes seja! Trouxeram entre outros artigos, um carro de milho, um bolo-rei e uma garrafa de conhaç. Associaram-se-lhes na Ferraria os lugares do Outeiro, Belego e Casal, e ao som dum concerto, foram descendo e cantando até ao adro da Igreja onde tudo foi leiloado, e vendeu uma continha calada.

No Domingo a seguir, eis nos aparecem, em grupo, os lugares do Govendo, Pedreira, Merelhe, Ferreira, Corça e Granjas, trazem o as suas oferendas numa espécie de andor, e cantando umas quadras adequadas, o que produziam um lindo efeito.

Toja a gente se admirava do silêncio do lugar de Sá — o lugar mais populoso da freguesia.

Por fim, certo dia de manhã, sobre ao ar uma bomba de grande potência, e às 14 horas, estava na Ferraria todo o lugar de Sá que, com chave de ouro, encerrou as oferendas deste ano.

Trazia, como todos os outros grupos: salpicões, fran-

(Continua na 5.ª página)

## Chaviães, 10

(Continuação da 3.ª página)

va a referida mercadoria e que não tinha outra. Mas eles não conformes com esta continuaram a revista e logo abaixo de um saco vazio lá vão encontrar o tal bacalhau esviado. Esta bacca foi rápida e eu fui apreciando este desenholar de braca e dirigindo-se estes ao patrão da casa... o senhor é transgressor no género e na medida e portanto vai ser multado. Perguntou-lhes então até onde iria a multa: Responderam-lhe — o tribunal lho dirá mas deve ir além de dois mil e tal escudos.

CARNAVAL — Manifestou-se aqui em memores, fruto da baixa qualidade de pessoas que por aqui ainda existe. Estupidez, não querem engavetar o diabo. Mas um dia que não estará longe tu o pagarão por festejar o Deus Momo.

CASAMENTOS — Vão realizar-se alguns que para outra vez darei notícias, porque tenho o meu telefone avariação. — C.

## Por Prado

(Continuação da 3.ª página)

sunto, parece-nos simplesmente estranho que esses tão delicados e úteis objectos, tivessem já existido há tantos séculos na posse dos arménios e na ignorância dos restantes povos da terra até 1884.

FALECIMENTOS — Em 20 do mês passado, faleceu no lugar de Bouça-Nova, a Sra.<sup>a</sup> Filomena Alves de Castro, de 90 anos, viúva, que foi a enterrar no dia seguinte com grande acompanhamento de pessoas de todas as camadas sociais, como prova da estima em que era tida. A toda a família enlutada apresentamos os nossos sentidos pésames.

Também em 13 deste mês, faleceu no lugar do Cerdedo, desta freguesia, o sr. Manuel Barreiros, de 77 anos, que foi muito estimado, realizando-se o seu funeral no dia seguinte, sendo acompanhado por muita gente que o estimava. A família enlutada apresentamos as nossas condolências.

PARA FRANÇA: — Partiram novamente para França, depois de umas boas férias em companhia de seus familiares e amigos, os nossos estimados confratres srs. Hilário Gonçalves, Júlio Joaquim de Barros e José Mendes Pinto. A todos desejamos as maiores felicidades e que continuem nessa nobre Nação, a honrar a sua terra.

M. L.

## À LUZ DAS ENCÍCLICAS

(Continuação da 1.ª página)

Papa da "Mater et Magistra" e da "Pacem in Terris".

A maravilha do livro — que lembra, na profundidade dos corolários como na exegese, um "A Igreja e o Pensamento contemporâneo" — reside em que se trata dum moeda com dois reversos que se fundem num só: — a clareza da síntese. De um lado os textos, sublinhados com a-proósito raro; e do outro, a planificação de problemas complexos reduzidos à simplicidade de autêntico catecismo. E tratam assim, estas duas ourelas do livro, a alma, o interior dos seus autores, sem se saber o que cada um homologa com sua pena, mas também sem mossas de heterogeneidade através as 222 páginas compactas e sem os claros que, por vezes, avolumam o que é insignificante. A contracenar com os textos, desbobina-se uma larga bibliografia que, se valoriza o livro pelos excertos magistrais, confere-lhe nota singular da cultura apologetica dos dois autores. Perpassam nele um Cardinal Verdier e um G. Bourcier, como um Kindleberger recheado de "economia", um G. Rocafful, que nos deu a "sua" visão cristã do mundo económico, um J. Maritain, inteiramente debruçado sobre o "homem" como peça actuante em prol do bem-comum, e L. Craveiro da Silva, do "Idade do Social" etc. Daí o ter nascido um compendio volumoso de conceitos adequados à vida moderna — no que concerne à felicidade relativa do homem, à evolução dos meios materiais, morais e culturais das sociedades com vista à "harmonia no social" com subidas obrigatórias na escala dos que usufruem os bens materiais, e, finalmente, a posse de Deus como suprema aspiração do homem.

Está provado, há muito, que sem a intervenção da Igreja o Mundo será outro. Os seus aliteros só podem assentar nos cabocos da religião, vejamo-los através a moral da sua doutrina secular, ou mesmo coados pelos reverberos que enformam o seu pensamento social e económico. Litigar aqui é subverter.

Dissecarmos o livro é impossível, pela estreiteza do espaço, e pelo número de citações que nos acudiriam ao bico da pena. Também não podemos quedar-nos no seu apelo formal: — "Que os católicos portugueses leiam e estudem as Encíclicas Sociais, em "espírito e verdade", para as executarem com "filial obediência para com a Autoridade Eclesiástica", e assim haja, entre os homens, Ordem e Bem Estar — muito embora a ilação devesse pegar, por cá, como carapuça em cabeça de careca em dia nevoso...

Apontamos-lhe também o escalonamento dos problemas, que afloraram ao espírito dos autores pela leitura e estudo aturado dos documentos papais, e que o tempo há-de conservar a altura própria dos trabalhos de fundo em matéria tão complicada como oportuníssima. Desde "Legitimidade da Intervenção da Igreja nos Problemas Sociais" a "Propriedade: Direito Natural e sua função Social" e "O Capital", etc., tudo está no lugar próprio, a encimar textos que promanam na clareza que já evidenciamos a ponto de rotular a "obra" de totalmente válida e de futuro.



## Bricabraque de Antigas Melgacenses...

(Continuação da 1.ª pág.)

esventrado, sacudido do pó que os cobrê e posto à clara luz do dia. Será o aspecto religioso.

Depois, as diversas casas que fizeram história: Fecho, Paço de Rouças, Galvão, Boavista, Cordeira, Crujeiras, Peso e Reguengo, S. Cibrão ou Carvalheira, Pombal e mais Castros, Araújo, Magalhães, Soares, Nôvoas, etc. etc.. Todos eles ocuparam os lugares de maior responsabilidade local como fronteiras-mores, comandantes de Melgaço, Castro Laboreiro e Monção, outros emigraram e fizeram história por esse mundo de Cristo, Índia, Brasil, África etc. etc..

Temos, ainda, o aspecto militar: Melgaço tinha 4 companhias de guarnição. O comandante recebia 20\$000 reis de soldo. Quantas tinha Castro Laboreiro? E Valadares? E Monção?

Dessas companhias fizeram parte soldados vindos de fora: os arquivos paroquiais registam-nos de Lisboa e até de Bruxelas!... Já vi no arquivo paroquial de Rouças o assento de óbito dum bruxelense, que o autor diz ter sido homem notável. Mas quem? E que veio cá fazer?

Em suma, um mundo por explorar, imenso e inesgotável.

Mas, como o outro dia, falamos da Cordeira, carremos mais uma achega indicando os nomes dos senhores dela.

D. Francisca Cabedo de Castro, f.ª do 2.º marido de D. Leonor de Castro (1) foi H do vínculo e Morgado q instituiu s/ tio D. João de Sousa e Castro, (2) senhor da Casa do Fecho. Casou com o Licenciado António de Castro Soares s/ parente f.º B de Gregório de Castro e Sousa sargento-mor de Melgaço, irmão inteiro de Matias de Sousa, governador de Melgaço e Monção e neto p.to de António de Castro e Sousa, senhor da Casa do Peso e s/ mulher D. Ana de Castro Soares, tt.º de Araújo.

Filha, D. Ana de Castro e Sousa. Foi herdeira do vínculo de s/ mãe, casou com António de Andrade da Gama, f.º bastardo B de Lourenço da Gama de Andrade da vila de Caminha, havido em Gracia Folgr.ª mulher de limpo sangue (Título de Prados § 4 N-7).

Filhos: Luis Manuel de Sousa e Castro, mentecapto; Lourenço Pedro de Sousa da Gama; Ant.º Bernardino de Sousa e Castro; João Ant.º de Castro; D. Helena de Sousa e Castro (3); D. Franca e D. Maria Luiza.

O filho 2.º Lourenço Pedro de Sousa da Gama herdou a Casa da Cordeira, casou em Vila de Conde com D. Ana de Lima, f.ª B de Lima daquela vila e s/ herdeira. Filhos: Lourenço de Sousa da Gama, D. Maria de Sousa e Castro e D. Ana de Lima e Castro.

O primogénito Lourenço etc. ficou com o pouco que os pais tinham em Melgaço, pois a mãe dotou os prazos que tinha a s/ filha, tendo havido grande demanda. Casou com D. Rita de Castro, f.ª de D. Manuel de Castro Bulhões e Figueira e D. Anita M.ª de Sousa no tt. Barretos Velhos. Filhos: D. Caetana da Gama e Castro H casada com Joaquim Tomás Cor.ª Pimta Feijó f.º de Ant.º Cor.ª Pimta Feijó e s/ mulher D. Rosa de Moraes no tt. de Costas.

Falta actualizar esta rubrica, o que faremos em breve, se Deus quiser.

(1) João Lobato de Abru, senhor da casa da Bornaria, Monção. D. Francisca Cabedo de Castro era filha de Lopo de Castro, 3.º do mesmo nome, Morgado da Casa e Torre do Fecho, em Rouças, capitão-mor de Melgaço, Fidalgo da Casa Real. A pedido de Filipe II, acudiu a defender Vigo contra os ingleses com homens pagos à sua custa, o mesmo fazendo a Porto e Lisboa. Impediu que Melgaço se entregasse ao Infante D. António, o que lhe valeu a mercê de Dom concedida pelo mesmo monarca para os seus filhos.

O Prior do Crato tinha-se escondido na Casa de Lara, Monção, de que era senhor Gonçalo Rz de Caldas Lobato e procurou trazer à sua causa os elementos mais destacados locais. Pelo visto, o Senhor do Fecho e capitão-mor de Melgaço obstu a que a vila se declasse pelo Infante.

(2) D. João de Sousa e Castro foi senhor do Fecho, mas não teve geração do casamento legítimo: teve filhos bastardos. Por isso lhe sucedeu o irmão.

(3) Esta senhora teve do Juiz de Fora de Melgaço, Leopoldo Xavier Pr.ª de Queiroz, segundo alguns genealogistas, D. M.ª Rita da Gama e D. Josefa da Gama. A primeira casou com o senhor da Casa de Oleirinhos, Felgueiras, Mel M.º Rr.ª Falcão, e a segunda, com o Dr. António da Silva Pacheco, Procurador da Casa de Bragança, em Barcelos.

D. Helena de Sousa e Castro veio para a Fonte Velha, a pedido de M.ª de Castro, bastarda da casa de seus pais, que dizia querer deixá-la por herdeira sua.

A. LUIS VAZ

## Voz de Melgaço

Muitos foram os amigos que começaram a receber o nosso jornal nos últimos tempos. Na impossibilidade de os mencionar a todos, limitamo-nos hoje aos sr.s D. Dominda de Carvalho, Vitorino Durães, Bento Gomes, Gonçalves Justino, José Manuel Calheiros.

Deve-se uma palavra de aplauso e de justiça ao sr. Alfredo Lourenço do Paço, que tem sido infatigável de dedicação e propaganda a favor do jornal.

Bem haja.  
—Tiveram a bondade de pagar a assinatura os sr.s António de Faro, 1964, João Rodrigues de Sousa, 1964; António José Vaz, 1962; José Maria Gonçalves, 1962; Alfredo Gonçalves, 1962; D. Maria Ramos Gomes de Sousa, Porto, 1964; António Maria Ferreira, Lisboa, 1963; D. Filomena Freitas das Neves, Carregado, 1964; D. Maria Teresa Alves Carabel, Melgaço, 1964; D. Laura Teixeira, Melgaço, 1964; D. Maria Leonídia Alves Baptista, Lisboa, 1963; D. Rosa Fernandes, Lisboa, 1963.  
Obrigado a todos.

## Paços, 12

(Continuação da 4.ª página)  
gos e lácões, na ja faltando para um almoço à antiga portuguesa, e até trouxeram um presunto que izem ter si o oferta da Palmira do Quartel.

To os os grupos trouxeram pão e ló que parecia de Margari e e vinho fino, das melhores marcas, tanto que, uma só garrafa e um pão de ló, bem pequenos chegaram no leilão a 116\$00.

As ofertas de Sá foram, a meu ver, as que atingiram mais elev.º preço, porque, como te apresentaram 10 pares de jovens, vestidos à maneira de ranchos folclóricos, e, ao som de duas concertinas, dançaram e cantaram na Ferraria, um trecho as quadrilhas, a que eu chamo a presença do túnel de braços humanos, que pro.uz um efeito maravilhoso, to.ª a que a gente te deslocou até ao a.º.

Merece também os meus parabéns o leiloeiro que fez a diligência para que as ofertas rendessem o máximo.

Que, para o ano se repita com o mesmo entusiasmo!

## Movimento hospitalar no mês de Janeiro

Movimento do hospital no mês de Janeiro:

Consultas, 367; curativos, 292; injeções, 489; peq. cir. 45; Diatermias, 38; análises, 21; Radiografias, 15; Rádios copias, 46; Bcbés, 1; dentes, entraram 32; a Ambulância saiu 1 vez.

## Uma exposição

Melgaço, 1 de Fevereiro de 1964

Ex.mo Senhor Correio Mór.

— LISBOA

Ao meu apelo, acerca de não deverem ser encaminhadas para o Peso as correspondências destinadas a Prado, daí resultando os inconvenientes apontados nos jornais «O Século» de 1 de Novembro do ano passado e «O Comércio do Porto» de 1 de Janeiro findo, procura a Ex.ma Direcção-Geral dar explicações numa carta que recebi e em comunicados a aqueles importantes órgãos da imprensa.

As explicações resumem-se em:

- 1.º — Que se trata «duma resultante do novo sistema de entrega da correspondência em Prado, que passou a ser servida por um giro rural com sede em Peso»;
- 2.º — Que «os prejuizos que o novo sistema acarretou, resultantes da demora na distribuição e a sua falta aos domingos e feriados, são amplamente compensados com o facto de se ter proporcionado a distribuição a quase toda a freguesia; e
- 3.º — Que tem sido adoptado o sistema da substituição gradual das conduções de malas pela distribuição domiciliária que proporciona maior número de benefícios, traduzidos em quase todos os serviços duma estação (telegrafo-postal que o carteiro rural executa e permite servir directamente um grande número de interessados que por dispersos por vários locais distantes dos postos de correio, ou se deslocavam ali para levantar as suas correspondências, ou renunciavam a elas.

Posto isto assim, parece, à primeira vista, que tudo está muitíssimo bem. Quem leia, não pode ficar melhor impressionado; porém, na realidade, na prática, tudo está peor, muito peor, e vejamos:

As informações do pessoal dos correios, por mais sérias que sejam, não o são mais que as prestadas no abaixo assinado que em 30 de Agosto de 1963 foi endereçado a V. Ex.cia. E digo que não são mais sérias porque as pessoas que o assinaram e as autoridades locais — Pároco, Junta e Regedor —, com o apoio também do Ex.mo Presidente da Câmara Municipal, não procuram aumentar o quadro dos funcionários nem o número de estações inúteis.

Ora, todas estas pessoas disseram a V. Ex.cia que o sistema é prejudicial e absurdo por trazer consequências peores que o serviço existente já há mais de 40 anos.

Assim, a correspondência que se recebia todos os dias, incluindo domingos e feriados, só se recebe na 2.ª feira de tarde em parte da freguesia e na terça feira de manhã na maior parte.

Esta distribuição é feita de forma tal que os lugares mais distantes, — únicos que dela necessitavam —, continuam sem ela!

Se os benefícios resultantes do novo sistema são tantos, não sei como explicar as reclamações da população que os não quer e de tais benefícios prescindem, mesmo que o carteiro seja como que uma espécie de estação ambulante?!!! Latino Coelho chamava-lhe uma esperança ambulante.

Mas é que nem os chamados «interessados», que de interessados nada têm, estão dispostos a aguardar em suas casas o dispensável carteiro sabendo-se, como se sabe, que a vida rural é no campo, onde todos trabalham salvo ligeiras excepções. E o carteiro passa... e a correspondência vai no sacco, porque não é permitido dá-la aos vizinhos, mesmo que os haja. Mas como os lugares não são tão distantes como se diz, os destinatários vem depois, quando podem, procurar as cartas ao Posto...

Prado, Ex.mo Sr. Correio Mór, quer continuar a estar nas condições em que estava antes desta prejudicial inovação que só se compreende como retrocesso. De resto, em devido tempo, eu mostrarei envelopes, que tenho em meu poder, de cartas registadas que, para chegarem a Prado, estiveram na Vila, no Peso e em Prado, no posto, isto porque sendo para Arrochal, para lá não há o tal carteiro. Quer dizer: andaram do cáco para o caquinho!

E que importa ao povo de Prado que a estação do Peso só tenha relativo movimento durante a época termal, no verão, e não se justifique ali, como em

(Continúa na 6.ª pág.)



## Uma grande jornada... Cerca de 170.000\$00...

**UMA GRANDE JORNADA... CERCA DE 170.000\$00... AS COMISSOES... FRANÇA... FRANÇA... QUE TANTO NOS PODIAS AJUDAR... QUE PENA... VAMOS OU NAO?... 10.000\$00 DE DEFICIT... A POBRE VIDA DUM HOSPITAL...**

Findos os trabalhos do último cortejo, a primeira coisa a fazer é darmos graças a Deus, pelo que se viu: — cerca de cento e setenta contos.

Nunca aqui em Melgaço se atingiu esta soma.

O penúltimo cortejo ficara em 70.000\$00, o último em 150.000\$00 e este em cerca de 170, faltando ainda Lisboa, com o que se espera ultrapassar os duzentos.

Graças a Deus! Pois se esta obra é serviço de Deus...

Mas temos muito que agradecer a todos. A todos os Melgaocenses, que desde o Brasil, França, Províncias Ultramarinas, etc., etc., tanto nos ajudaram temos muito que agradecer.

A Ex.<sup>ma</sup> Comissão de Honra, à Imprensa, quer local, quer aos Srs. redactores correspondentes dos jornais do país, à rádio (Rádio-Club e Emissora Nacional), às Ex.<sup>mas</sup> Comissões, com os seus párocos, professores, juntas, etc., que tão entusiasticamente, pelas nossas aldeias, de porta em porta, foram levar o nosso pedido, esclarecendo consciências, repondo a verdade no seu lugar, animando, encorajando, a todos, os nossos mais vivos agradecimentos.

Seja-nos permitido que lembramos três nomes: — o de Sua Ex.<sup>ma</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo, que a todos nos encorajou, com a publicação, na imprensa, duma exortação ao clero e fiéis do arcepresbiterado, ao Senhor Governador Civil do distrito, por tudo e por querer trazer-nos, pessoalmente, o Seu valioso óbolo, ao Senhor Vigário Geral do Arcebisado, que, desde a primeira hora, também esteve connosco dando-nos o Seu prestigioso nome, para a Comissão de honra. Ao "Notícias de Melgaço", pela boa camaradagem que nos fez e pela presença do seu ilustre Director, no hospital, quando da entrega dos donativos.

Ao povo, ao bom povo da nossa terra, que sempre compreendeu estas iniciativas, em pró da nossa terra, e em pró dos pobres, enfim, a todos quantos nos ajudaram, os nossos mais fervorosos agradecimentos.

Vieram-nos do Brasil, do Rio de Janeiro, 10.000\$00! O que isto representa em sacrificio, para os nossos Amigos daquela terra. Cerca de quinhentos contos, em moeda brasileira! Ah! se o Brasil nos pudesse ajudar, como estas coisas se faziam com mais rapidez! O brasileiro tem o sentido do social.

A França, queremos dizer, os nossos rapazes que trabalham em França ajudaram-nos muito. Muito. Mas se todos, todos, nos compreendessem, nós chegaríamos aos quinhentos contos. Nunca como hoje houve tanto dinheiro em Melgaço e nas boas mãos dos nossos rapazes que trabalham em França. Se todos quisessem...

Dizemos às vezes que a nossa terra progride lentamente... Se a ajudássemos, como tantas iniciativas se correm de pleno éxito!...

Que pena não ter havido uns ranchos cá da terra, que viessem dar mais colorido e mais brilho a este lindo dia...

E era tão fácil... Foi uma coisa que nos impressionou vivamente esta falta. Mas que se lhe há-de fazer?

Não sabemos se, com eles, viriam ofertas mais valiosas. Como dissemos, foi este o cortejo que, até hoje, mais trouxe à Santa Casa. Mas, na verdade, um cortejo, sem os seus ranchos, parece que fica incompleto!...

Os pioneiros! Temos de saudar hoje e neste lugar, todos os pioneiros destas realizações e seus continuadores, os antigos Provedores, suas Mesas e colaboradores. Sem eles, sem a sua obra, não poderíamos chegar até onde nos levou o carinho da nossa terra.

E uma obra que leva seu tempo. Mas ficou. E com ela sobretudo, se pôde chegar aqui.

Mas o hospital encerrou as suas contas com um déficit de 10.000\$00. O que nos faltou das verbas de Lisboa: 8.000\$00.

Custa muito estar hoje numa Casa destas, com as dificuldades da guerra do Ultramar. Estes serviços tem de continuar. Mas falta-nos, o preciso, para que tudo se faça com a devida eficiência. Sobretudo, a assistência aos pobres não pode sofrer desnível. Mas custa imenso!...

Juntar mil contos, para o novo hospital e continuar a

## UMA VERDADE

(Continuação da 1.ª página)

se bateram e batem pela integridade portuguesa e que não mereceram ainda dos responsáveis, uma palavra de carinho e no regresso, eles que "salvam a Pátria" e não são "salvadores", de discursos e discursetas. Bateram-se de armas na mão! E nós lembrámo-los, como fizeram outras terras, como recentemente a Azambuja e na visita Presidencial, dando-lhe lugar de honraria à entrada dos Paços do Concelho. Estamos, porisso, à vontade.

Eles também darão seu óbolo à Obra que desponha, como deram ou dariam a própria vida, para que nós vivamos, sem saber se havia ou não havia verba ou cabimento. E assim o nosso Soldado, a peonagem.

Quanto se lhes ficará a dever, inclusivamente, o nosso grupo, o dos "Padres", com muito gosto e maior honra!...

Dr. Abel Varela e Seixas

## Uma exposição

(Continuação da página 5)

S. Gregório, Pomares ou até Castro Laboreiro, pessoal do quadro permanente? Isso não nos pertence conhecer, se bem não ignoremos que, com excepção de Melgaço-Vila, é o Posto de Prado que tem maior número de registos entrados e saídos?!?

E aqui está apenas um encarregado e chega!

Para Prado não há proposta de condução de malas. Estas passam ali à porta vindas de Monção para Melgaço e ali deixam ficar a de Monção, a da Ambulância Minho II e de manhã a de Melgaço. Mas estas malas não trazem correspondência, só a levam!

O sistema imposto agora, ninguém o pediu e porque não beneficia, ninguém o quer.

Nós temos a certeza de que se V. Ex.<sup>cia</sup> conhecesse isto tal qual é, V. Ex.<sup>cia</sup> dava pronto e imediato remédio por forma a que esta gente ficasse satisfeita, como sempre esteve.

Creio poder afirmar a V. Ex.<sup>cia</sup> que mesmo com o tal carteiro tudo ficaria bem impressionado com a solução que me parece viável para ambas as partes:

As correspondências de Prado não seriam introduzidas nas malas do Peso, mas sim nas malas de Prado, como sempre, porque a estação do Peso não tem por que receber correspondências de Prado.

O dispensável carteiro que vem ao Posto de Prado, continuaria a vir para ali levantar a correspondência que houvesse para ser distribuída.

De outra forma reclama-se, pois tal como está, o serviço não satisfaz. Reclama-se, sim, e com razão, pois os serviços inventaram-se para servir o público e não para imporem sistemas, contra tudo e contra todos, com prejuizo para o mesmo público.

Apelamos para V. Ex.<sup>cia</sup> porque estamos absolutamente cientes de que se V. Ex.<sup>cia</sup> tivesse inteiro conhecimento da indignação desta gente, já teria mandado remediar o mal, acabando com faborcimentos que por vezes se refletem, injustamente, nas autoridades locais, que o povo, na sua ignorância, julga culpadas de tudo.

Confiado no alto critério e espírito de justiça de V. Ex.<sup>cia</sup>, subscrevo-me respeitosamente,

Herculano Arsénio Gomes Pinheiro

receber doentes pobres e ter um Lar para eles e ali sustentar quase vinte pessoas diariamente, é tarefa humanamente quase impossível. Que, por favor, nos compreendam...

Mas a fé remove montanhas.

A todos, a todos pois, os nossos mais vivos agradecimentos.

Alguma coisa mais se fez pela nossa linda terra!

PADRE CARLOS

P. S. — Por absoluta falta de espaço, não podemos publicar hoje lista mais pormenorizada de donativos, o que faremos em breve.

Continuam a afluir mais donativos e sabemos duma freguesia, de fora deste concelho, que se prepara, para trazer também as suas ofertas.

O Sr. Presidente da Câmara, que tanto nos ajudou, mandou várias cartas a seus amigos, quer residentes aqui, quer no estrangeiro e espera-se que esses donativos venham chegando para se encerrarem as contas. E o Canadá? E a América do Norte?

Se todos quisessem... E porque não?

## Problema a resolver

O Alto Minho está bastante longe de Lisboa. As comunicações entre autoridades e entre órgãos económicos, comerciais ou de qualquer outra natureza tornam-se assim demoradas e mais difíceis. A região é pobre.

Talvez por isso vive-se lá em estado quase permanente de crise. O pouco que as pequenas propriedades vão criando não chega a uns para se sustentarem e se alguma parte a outros se torna possível e necessário vender, é mal paga. Só um exemplo: uma pipa de vinho que, este ano, por exemplo, em Guimarães dá 1.200\$00, em Monção não passa de 600\$. A própria Adega Cooperativa também não arranhou alguma consumidores para as centenas de pipas que possui.

Resta aquela pobre gente, como último recurso, e já desde há muitos anos, a emigração. Primeiro foi para o Brasil, a Venezuela, a Argentina e agora é sobretudo para a França. Mas, por falta de conhecimento próprio e abundância de exigências legais, apareceram sempre os enganajalores a «ajudá-los». Para a França, por exemplo, vão «a salto» como eles dizem. Uns chegam lá, outros não. São presos pelo caminho, ou perdem a vida.

Uma não será possível resolver este problema canente? Já foi assinado um acordo com a França, mas é preciso que não demore a sua aplicação eficaz e humana. Portugal só ganhará com isso porque a gran e maior parte dos emigrantes é para cá que mantem todo o dinheiro ganho, o nível de vida da região eleva-se e acabava esta tristeza de notícias, quase diárias, sobre portugueses, (im portugueses) presos em Portugal, na Espanha ou na França por, in documentados, tentarem ganhar o pão de cada dia para eles e para as suas famílias, que na sua terra lhes falta.

(De «Novidades» em 9 do corrente)

### As mais seleccionadas árvores de fruto



As melhores sementes de flores e hortaliças. As mais lindas e mais produzidas em Concursos Internacionais.

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

### CATALOGOS GRATIS

Alfredo Moreira da Silva & Filhos, L.da

Rua de D. Manuel II, n.º 55

PORTO

Teleg: Roselândia Telef: 21957